



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE HUMANIDADES: EDUCAÇÃO E SAÚDE DE
TOCANTINÓPOLIS
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: HABILITAÇÃO EM ARTES**

ALINE MONTEIRO DOS SANTOS DIAS DA SILVA

**MULHERES ACADÊMICAS DO CURSO DE LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO, ARTES DE TOCANTINÓPOLIS (TO): REFLEXÕES
SOBRE ACESSO E PERMANÊNCIA PARA UMA FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

TOCANTINÓPOLIS- (TO)

2023

ALINE MONTEIRO DOS SANTOS DIAS DA SILVA

**MULHERES ACADÊMICAS DO CURSO DE LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO, ARTES DE TOCANTINÓPOLIS (TO): REFLEXÕES
SOBRE ACESSO E PERMANÊNCIA PARA UMA FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos para aprovação do curso de Licenciatura em Educação do Campo artes, da Universidade Federal do Norte do Tocantins.

Orientadora: Profa. Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida

TOCANTINÓPOLIS- (TO)

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de
Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M775m MONTEIRO DOS SANTOS DIAS DA SILVA, ALINE.
MULHERES ACADÊMICAS DO CURSO DE LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO, ARTES DE TOCANTINÓPOLIS (TO): REFLEXÕES
SOBRE ACESSO E PERMANÊNCIA PARA UMA FORMAÇÃO
PROFISSIONAL. / ALINE MONTEIRO DOS SANTOS
DIAS DA SILVA. – Tocantinópolis, TO, 2024.
27 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2024.

Orientador: REJANE CLEIDE MEDEIROS DE ALMEIDA

1. INTRODUÇÃO. 2. CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DA PESQUISA
TOCANTINÓPOLIS - TO. 3. MULHERES ACADÊMICAS E OS IMPACTOS NA
TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL. 4. FATORES QUE DIFICULTAM
A FORMAÇÃO ACADÊMICA E PERMANÊNCIA DAS ESTUDANTES NO CURSO
DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, ARTES. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou
por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos
do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ALINE MONTEIRO DOS SANTOS DIAS DA SILVA

**MULHERES ACADÊMICAS DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, ARTES
DE TOCANTINÓPOLIS (TO): REFLEXÕES SOBRE ACESSO E PERMANÊNCIA PARA UMA
FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos para aprovação do curso de Licenciatura em Educação do Campo artes, da Universidade Federal do Norte do Tocantins.

Orientadora: Profa. Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida

Data de aprovação: 06/ 02 / 2024

Banca Examinadora

Prof. Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida, UFNT- Orientadora

Prof. Mestra Iara Rodrigues da Silva, UFNT - Examinadora

Prof. Maria Gilvânia Ferreira da Silva, UFMA - Examinadora

Tocantinópolis/TO, 2023

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo compreender as dificuldades enfrentadas por mulheres acadêmicas durante o cursar no curso de educação do campo de Tocantinópolis, por ser um curso de tempo integral sendo elas mães, casadas e acadêmicas, verificando como essas mulheres enfrentam as diversidades para se manterem na faculdade. Estudar as problemáticas das discentes que por algum motivo levaram a desistência e evasão do curso, a pesquisa indicou que as mulheres entrevistadas desistiram por falta de apoio familiar e recursos para se manterem no curso e as que se mantiveram contam que tiveram apoio familiar e os auxílios foram cruciais para garantia de sua permanência.

Palavras-chaves: Evasão, permanência, auxílio, mulheres acadêmicas.

SUMMARY

The present research aims to understand the difficulties faced by academic women during the course of education in the Tocantinópolis-TO countryside, as it is a full-time course and they are mothers, married and academics, verifying how these women face diversity to maintain themselves in college. Studying the problems of students who for some reason led to withdrawal and evasion from the course, the research indicated that the women interviewed gave up due to a lack of family support and resources to remain on the course and those who remained said that they had family support and assistance. were crucial to ensuring its permanence.

Keywords: Evasion, permanence, assistance, academic women.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1. Percurso metodológico.....	9
2 Caracterização do Território da pesquisa – Tocantinópolis – TO...10	
2.1 Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)11	
3. Mulheres acadêmicas e os impactos na trajetória de formação profissional.....12	
3.1. Educação do campo: conceito, histórico e pressupostos.....15	
3.2. Histórico da criação do curso de educação do campo: artes do centro de Educação, Humanidades e Saúde da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Tocantinópolis (TO)17	
3.3. Perfil e trajetória das estudantes do curso de educação do campo: artes do Centro de Educação, Humanidades e Saúde da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Tocantinópolis (TO)18	
4. Fatores que dificultam a formação acadêmica e permanência das estudantes no curso de educação do campo, artes21	
4.1. Evasão e permanência das estudantes acadêmicas do curso de educação do campo em artes da UFNT, Tocantinópolis (TO)25	
5. CONSIDERAÇÕES29	
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....30	

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho se trata de um estudo no qual apresentará uma pesquisa realizada como resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Norte do Tocantins. O tema de estudo nesta pesquisa é “Mulheres acadêmicas do curso de licenciatura em educação do campo, Artes de Tocantinópolis (TO): Reflexões sobre acessos e permanências para uma formação profissional”. Muitas mulheres veem no ensino superior uma oportunidade de mudar de vida, buscam perspectivas diferentes do cenário e do meio em que estão inseridas, visando melhores condições de vida.

O acesso e permanência ao ensino superior para muitas mulheres ainda é um grande desafio que elas têm enfrentado, principalmente quando já é mãe, esposa, dona de casa e ainda realizam atividades externas quando está inserida no mercado de trabalho. É neste contexto que essas mulheres estudantes estão associadas à expectativa de conclusão de curso. Como mulher também inserida neste contexto de ser estudante, mãe, esposa e dona de casa, observamos que na minha turma muitas colegas desistiram ou trancaram o curso por vários fatores que também vivenciei enquanto estudante e vi que as dificuldades foram as mesmas, uma ou outra diferente, mas ainda assim fatores que dificultaram a formação acadêmica de muitas colegas.

A pesquisa justifica-se a partir de minha experiência como universitária, esposa e mãe inserida na vida acadêmica do curso de educação do campo. Durante todo o meu processo formativo no curso de educação do campo, encontrei colegas que desistiram do curso por diversos motivos. O mais marcado é o de ser mãe e os desafios de continuar o estudo. Neste sentido observamos que a mulher, mãe e estudante tem uma tripla jornada.

Nesse contexto o tema consiste em reflexões acerca de vivências e experiências relatadas durante o processo de formação das educandas no curso de educação do campo: artes de Tocantinópolis. O mesmo partiu da necessidade de compreender, e levantar questões sobre os motivos que levam muitas discentes a desistência do curso.

A instituição de ensino superior tem um papel muito importante e deve contribuir de forma positiva na questão da permanência das estudantes, principalmente atentando para o curso de Educação do Campo que atende uma maioria de

estudantes de classes populares, e que necessita de mais atenção quanto a permanência de estudantes, em especial as mulheres mães, que em sua grande maioria são as que evadem do curso.

Tão importante quanto atentar para os fatores que associam a desistência dessas estudantes, também é necessário que o sistema de ensino atente para garantir a permanência que ainda mesmo com muitas dificuldades tentam se manter no curso.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender sobre o acesso e permanência de mulheres acadêmicas do curso de educação do campo do Centro de educação, humanidades e Saúde de Tocantinópolis, suas trajetórias para formação profissional.

1.1. Percurso metodológico

A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa e quantitativa, buscando compreender a realidade em questão. Sendo que os dados quantitativos foram obtidos por meio da secretaria acadêmica do curso de educação do campo, do centro de educação, humanidades e saúde (CEHS) da UFNT de Tocantinópolis, das discentes que desistiram do curso, enquanto para atender a questão qualitativa, buscou-se um contato mais próximo com (05) cinco mulheres acadêmicas do curso de educação do campo da Universidade Federal do Norte do Tocantins, na faixa etária entre 21 a 27 anos, o critério de escolha foi ser da minha turma (2019) e as mesmas aceitarem participar da pesquisa, sendo que os nomes são fictícios (nomes de flores), por decisão das entrevistadas.

Ao abordar sobre essa temática sobre o acesso, a permanência e a formação profissional dessas mulheres temos que nos atentar para a necessidade de levar em consideração o contexto no qual as acadêmicas estão inseridas, desde o econômico, pessoal e social para mostrar o percurso até aqui percorrido. Para isso, demandou estudos e leituras em artigos, livros e revistas acadêmicas que nos permitisse dialogar com essa temática, buscando compreender as inquietações, desafios e barreiras de mulheres estudantes para se manter no curso visando a sua formação profissional, desde o acesso até a permanência.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender sobre o acesso e permanência de mulheres acadêmicas do curso de educação do campo do

Centro de educação, humanidades e Saúde de Tocantinópolis, suas trajetórias para formação profissional.

2.Caracterização do território da pesquisa – Tocantinópolis – TO.

Mapa: 01: Tocantins- Bico do papagaio-Tocantinópolis



Fonte: Atlas do Tocantins, SEPLAN, acesso em 07-01-2024

As estudantes entrevistadas desta pesquisa são residentes e filhas de Tocantinópolis, são oriundas de escolas públicas e originárias do campo, uma boa parte delas moram em suas respectivas comunidades e povoados, como no povoado Passarinho, na Aldeia São José e na cidade de Tocantinópolis.

Tocantinópolis é uma das cidades mais antigas do estado do Tocantins, atualmente com 165 anos de muita história, uma pequena cidade do interior que fica localizada no Bico do Papagaio, mais conhecida como Boa Vista do Padre João, uma terra rica por natureza em vários recursos e produtos naturais, como o babaçu, também é rica por possuir muitos ribeirões de água doce.

É um município ribeirinho que fica às margens do Rio Tocantins, uma cidade muito tranquila para morar como consideram os moradores. É considerada uma cidade turística, pois recebe vários turistas em sua temporada de praia, pois vêm apreciar as belezas naturais como nossas praias e ribeirões.

Sua economia vem dos setores de pequenas empresas, funcionários públicos, comércio local e varejista, pesca, agricultura familiar, mercado informal, agropecuária e a sua grande diversidade de produtos naturais plantados por populações camponesas e ribeirinhos que vendem seus produtos diversificados na feira local da cidade e para comerciantes locais. Segundo dados do novo censo do IBGE de (2022), a cidade conta com 22.615 habitantes. Possui um centro universitário de Educação, Humanidades e Saúde da Universidade Federal do Norte do Tocantins, no qual nossa pesquisa se realizou.

2.1. UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS (UFNT)

Um breve histórico sobre a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) de Tocantinópolis: A Universidade Federal do Norte do Tocantins de Tocantinópolis fica localizada atualmente na Rua 06, s/n – Vila Santa Rita, antigamente era conhecida por nome de Unitins e depois passou a se chamar como Universidade Federal do Tocantins (UFT), onde funciona as instalações desde sua fundação e implantação na cidade e não muito longe após passar por uma transição é que a instituição passou a ser reconhecida como Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) ao que conhecemos hoje, o novo campus babaçu com suas novas instalações fica na comunidade Vila Santa Rita, mas que ainda conta com muitas mudanças para melhor atender aos discentes de todas as comunidades e cidade em geral.

É uma instituição pública designado para promoção do ensino de todos e de pesquisa e extensão, uma universidade que nasceu da necessidade de um povo através de lutas e conquistas por meio do movimento de professores, estudantes e servidores que defendiam sua criação e implantação com sua própria autonomia tanto financeira como pedagógica.

[...] a universidade pública sempre foi uma instituição social, isto é, uma ação social, uma prática social fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições, num princípio de diferenciação, que lhe confere autonomia perante outras instituições sociais e estruturada por

ordenamentos, regras, normas e valores de reconhecimento e legitimidade internos a ela (CHAUÍ, 2003, p. 01).

Nesse sentido, a Universidade tende a ser a partir do momento em que foi criada, para desempenhar um papel social ao meio em que está inserida no contexto sociocultural a partir de seus estudos científicos, visando a respeitar a identidade dos estudantes ao adentrarem nos espaços de formação e que esses estudantes possam se familiarizar com o ambiente da instituição e por meio deste passar a contribuir para a formação de saberes e troca de vivências no espaço social onde moram.

A UFNT passou por um longo processo de criação e implantação para o que temos hoje, foram dias de luta e desafios para então se ter uma conquista significativa e de grande valor para a comunidade Tocantinópolis, a universidade tem como objetivo a formação de cidadãos responsáveis, com justiça social e com respeito a igualdade de direitos respeitando a vida e a diversidade, o que representa uma diversa produção de conhecimentos para a formação profissional, cultural e social das comunidades e dos povos.

Os cursos oferecidos e existentes atualmente na UFNT de Tocantinópolis são: Educação do Campo, Pedagogia, Educação Física, Ciências Sociais e Direito, atendendo em sua grande maioria alunos vindos de escolas públicas.

3. Mulheres acadêmicas e os impactos na trajetória de formação profissional

Para fundamentação desta pesquisa, procurou-se em livros, revistas, artigos e TCCs, pesquisas sobre a vida acadêmica de mulheres, mães, esposas, donas de casa e universitárias, reflexões sobre os fatores que as mesmas, em muitas vezes encontram dificuldades de permanência, desistência e evasão do ensino superior. Ressaltamos sua finalidade e importância na contribuição para reflexões e compreensões acerca dos fatores que é de suma importância, pois contribuirá na compreensão dos fatores e aspectos pelos quais essas estudantes passam e enfrentam. Para que então se busque meios de ajudar, sancionar e amenizar esses impactos que tanto dificultam a permanência dessas mulheres no ensino superior. Pois o fato de que essas mulheres ao adentrar numa universidade não garantem que elas permaneçam no curso escolhido, principalmente pelo fato de serem mães, esposas, do lar, de baixa renda, do curso ser integral e devido as muitas exigências acadêmicas. São inúmeros os desafios que envolvem a permanência dessas

estudantes quando ingressam neste ambiente educativo em que há muito tempo foi algo tão difícil ou até impossível para elas, e muitas vezes por serem mulheres, mães e a maioria camponesa, negras e com a narrativa de que mulheres não precisam estudar ou mesmo trabalhar.

Dessa forma, se faz necessário pensar de como tem sido o processo de chegada das educandas na universidade e como a instituição tem feito seu acolhimento, para que possa garantir as estudantes as condições necessárias para sua permanência na universidade. Com isso, fazer uma análise mais aprofundada com as estudantes abordando sobre suas incertezas, angústias, dificuldades e limites que elas encontram ao adentrar no universo acadêmico.

É muito importante falar e discutir sobre a situação acadêmica dessas mães estudantes, pois elas passam por muitos desafios e dificuldades neste percurso, como: preconceitos, estresse a não aceitação e falta de ajuda por parte de seus companheiros, a não ajuda de familiares, dificuldades de se organizar entre as atividades acadêmicas e as tarefas domésticas, a dificuldade de frequência para assistir as aulas, e dependendo do seu local onde reside a dificuldade de se deslocar até a instituição de ensino, principalmente se residir na zona rural ou mais afastada como aldeias, quilombos, cidades vizinhas se não residir na mesma cidade onde faz o curso e não possuir nenhum veículo de locomoção pra chegar até a universidade e claro a situação financeira precária.

Dessa forma, é importante ressaltar que a condição econômica dessas universitárias tem um forte impacto durante o seu processo acadêmico, impossibilitando as diversas oportunidades nesse nível de ensino, principalmente quando o curso em que estão é de tempo integral e que demanda muito de seu tempo. Daí surgem as incertezas quanto a permanência no curso e sua conclusão, pois a demanda de sua vida pessoal em cuidar da casa, marido, filhos e com a vida acadêmica acaba sobrecarregando essas mães universitárias. E por muitas vezes se sentirem sufocadas com as demandas que elas encontram pela frente, uma parcela dessas estudantes acaba não dando conta de gerenciar esse processo em que estão vivendo, o que causa em muitas delas um descontentamento e estresse emocional e até físico. Em relação a isso, Bittencourt (2011) destaca:

As acadêmicas, quando decidem conciliar carreira e maternidade, vivenciam conflitos em incorporar o discurso da produtividade focado na dedicação exclusiva para o fazer acadêmico, pois elas necessitam de tempo para

atender a outras demandas como a família. Logo, sentem dificuldades em incorporar o ethos competitivo presente no campo acadêmico. Esta dificuldade de incorporar o habitus, muitas vezes, faz a acadêmica sentir-se Excluída do campo, por não corresponder ao ideal do ser acadêmica sustentado pelo discurso do “ ser produtiva”, mas também “culpada” por não conseguir “deixar de lado” as responsabilidades vinculadas aos cuidados de seus filhos [...] (BITTENCOURT,2011 p.231).

Na condição de mãe universitária e em relação a família, principalmente no cuidado dos filhos menores fica mais complicado para elas. Sendo assim, percebe-se uma baixa produtividade das estudantes em produzir os trabalhos acadêmicos com qualidade e nos prazos estipulados pelos docentes. Nesse cenário da universidade, muitas educandas ainda têm dificuldades de se encontrarem, pois se deparam com um cenário totalmente diferente de sua realidade, principalmente as camponesas, de classes populares, baixa renda e aquelas que tiveram uma educação básica sem muita qualidade e que não condiz com sua realidade. São esses e outros aspectos que muitas vezes contribuem negativamente para a desistência ou trancamento do curso.

Para as mulheres, educar-se e instruir-se, mais do que nunca, representaram a forma de quebrar os grilhões domésticos e conquistar uma parcela do espaço público. Para isso, procuraram, mediante o conhecimento e o trabalho, adequar-se às normas sociais e ao mundo novo que se descortinava e principiava a selecionar os mais preparados. (ALMEIDA, 1998, p. 38).

A condição de mulher universitária, mãe, esposa e dona de casa coloca essas educandas em posição de muita responsabilidade e comprometimento, visto que mediante essa esfera que as rodeiam e de processos culturais, muitas se veem na necessidade de buscar um reconhecimento em meio a uma sociedade machista e para se sobressaírem deste contexto que tanto lhes oprimem. Por não terem condições melhores elas buscam também por conhecimento científico na vida acadêmica e busca por melhorias de vida, buscam na forma de estudos e conhecimentos, para assim então poder transformar o meio em que vivem.

A mulher atual vê-se encurralada entre aspectos de sua subjetividade, entendida aqui como construída social e historicamente, em que vemos fortes oposições entre necessidade de realização pessoal, aquilo que é socialmente aceito ou adequado e a crescente necessidade de formação acadêmica (MENEZES, et, al., 2012, p. 42).

Sendo assim, o ingresso dessas mulheres na universidade gera uma etapa que exige custos adicionais como: o acervo de material didático, apostilas e outros percalços e para continuar com os estudos elas precisam de incentivos financeiros, pois a maioria sendo de baixa renda e o curso ser integral não podem trabalhar enquanto estiverem na faculdade. Mesmo com o auxílio emergencial e bolsa de auxílio pedagógico que algumas recebem, mesmo assim se torna difícil, pois em sua maioria algumas ajudam na despesa da casa, e existem as que arcam com as despesas sozinhas. E tendo que cuidar dos filhos pequenos e em muitas vezes sem a ajuda dos familiares, o que dificulta em muita sua carreira acadêmica. Conforme Costa (2008), relata em seu artigo que mães universitárias sofrem por não terem onde deixar seus filhos durante o processo de graduação, e por esse motivo acabam atrasando ou até mesmo desistindo de seu curso para então cuidarem de seus filhos, principalmente quando não conseguem acesso a uma vaga em creches pela grande demanda dependendo de onde moram.

3.1. Educação do campo: conceito, histórico e pressupostos

A Educação do Campo nasce de outro olhar sobre o campo, (ARROYO, CALDART, MOLINA, 2004, p. 11)

A educação do campo nomeia um *Fenômeno da realidade brasileira atual*, que para Roseli Salete Caldart (2012, p. 257) é:

protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que tem implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

A educação do campo possibilita o desenvolvimento integral e intelectual, principalmente dos povos do campo, povos originários e comunidades rurais, através de seu conjunto de práticas e princípios respeitando seus espaços, valores e sua cultura local.

O conceito de Educação do Campo está em construção, Caldart (2012, p. 257):

Sem se deslocar do movimento específico da realidade que a produziu, já pode configurar-se como uma *categoria de análise* da situação ou de práticas e políticas de educação dos trabalhadores do campo, mesmo as que desenvolveram em outros lugares e com outras denominações. E como análise é também compreensão da realidade por vir, a partir de possibilidades ainda não desenvolvidas historicamente, mas indicadas por seus sujeitos ou pelas transformações em curso em algumas práticas educativas concretas e na forma de construir políticas públicas de educação.

Uma educação do campo com foco em uma pedagogia voltada para comunidades rurais e uma educação como inclusão e como ações afirmativas que visam o bem comum dos povos do campo para relações sociais e desenvolvimento na área do conhecimento intelectual e seus saberes da terra, e que também atua na compreensão do processo histórico que envolve a complexidade do campo e na valorização do espaço. Tem como princípio uma educação que visa à formação integral do indivíduo com dialogicidade e criticidade.

Caldart (2012, p. 257-258), destaca que o surgimento da expressão “educação do campo” pode ser datado:

Nasceu primeiro como *Educação Básica do Campo* no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho de 1998. Passou a ser chamada *Educação do Campo* a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro de 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004.

A expressão campo e não mais meio rural teve como objetivo as reflexões sobre a questão do sentido do trabalho camponês e das respectivas lutas sociais, culturais e dos grupos que sobrevivem do trabalho nesta perspectiva (FERNANDES, CERIOLI, CALDART, p. 25).

Os autores, destacam sobre o movimento por uma educação do campo, na I Conferência Nacional “Por uma educação Básica” que:

[...] A educação do campo precisa ser uma educação específica e diferenciada, isto é, alternativas. Mas, sobretudo deve ser educação, no sentido amplo de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticos para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena [...]. FERNANDES, CERIOLI, CALDART, p. 23).

Nessa perspectiva as propostas o histórico de mudanças por uma educação do campo propõe colocar no centro da educação o sujeito coletivo camponês. A defesa

é pela reforma agrária e uma política voltada para a agricultura camponesa. “Nosso propósito é conceber uma educação básica do campo, voltada aos interesses e ao desenvolvimento sociocultural e econômico dos povos que habitam e trabalham no campo, atendendo às suas diferenças históricas e culturais! (FERNANDES, CERIOLI, CALDART, 2004, p. 27).

Nesse sentido, Caldart (2012, p. 259), destaca, que:

A realidade que produz Educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja *no* e *do* campo, os movimentos sociais interrogam a sociedade brasileira: por que em nossa formação social os camponeses não precisam ter acesso à escola e a propalada universalização da educação básica não inclui os trabalhadores do campo? (CALDART, 2012, p. 259 apud FRIGOTO, 2010, p. 29).

Kolling, Cerioli, Cardart (2002, p. 26), destaca que como educação *no* campo compreende-se na perspectiva dos que os autores definem ser: “o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive e *do* campo: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada à sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais”.

3.2. Histórico da criação do curso de educação do campo: artes do Centro de Educação, Humanidades e Saúde da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Tocantinópolis (TO)

Conforme destacam Molina e Mourão Sá (2011), o objetivo do curso de educação do campo é de formar um profissional, um educador popular que seja capaz de exercer sua docência em áreas do conhecimento em artes e na gestão de processos educativos e que seja mais adequada à realidade do campo, tanto nos espaços escolares quanto não escolares, trabalhando no desenvolvimento de ações coletivas nas comunidades e com as comunidades e que seja específica em relação as condições de vida dos camponeses trabalhando com equidade e respeito à diversidade de saberes.

O curso de Educação do Campo é conhecido pela sua modalidade do seu trabalhar com a pedagogia da alternância que visa o atendimento e aprendizagem aos

povos do campo valorizando e respeitando os saberes em seus contextos socioculturais. No decorrer do curso os instrumentos pedagógicos da alternância por este utilizado é o Tempo Universidade (TU), período de estudos, pesquisas com propostas de intervenção e aprendizados dentro da instituição de ensino e o Tempo Comunidade (TC), período de vivências e pesquisas na comunidade, onde acontece as pesquisas de estudos, trabalhos coletivos e até realização de experimentos. A alternância tem como objetivo propiciar e facilitar o aprendizado dos educandos oriundos do meio rural fazendo com que eles aprendam não só de conhecimentos teóricos sistematizados, mas também por meios ligados à realidade do meio em que vivem, pensado então para uma formação integral do educando numa perspectiva em práticas educativas atuando para o desenvolvimento pessoal e local.

É um curso que atende discentes provindos de escolas públicas e povos originários, ribeirinhos e camponeses, pois o curso abrange uma grande diversidade de povos, culturas e saberes.

Por meio dessa diversidade cria-se espaços para a promoção de saberes em relação as experiências e cultura dos povos do campo. É notório que a maior participação de estudantes do curso de educação do campo em Tocantinópolis são mulheres, e cada vez mais elas estão ocupando esses espaços que a muito tempo lhes era negado, a participação dessas mulheres no curso é vital e de suma importância principalmente na quebra de estereótipos e paradigmas

A criação do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Códigos e Linguagens – Artes de Tocantinópolis surgiu a partir de demandas de trabalhadores do campo, movimentos sociais, povos ribeirinhos, pescadores, indígenas, quilombolas, sem terras, dentre outros. O curso visa atender as especificidades dos povos do campo com a necessidade de políticas públicas em relação a desigualdade da população camponesa e a formação profissional dos povos do campo.

3.3. Perfil e trajetória das estudantes do curso de educação do campo: artes do Centro de Educação, Humanidades e Saúde da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Tocantinópolis (TO)

A maioria das mulheres envolvidas nesta pesquisa são mães, casadas, divorciadas, viúva, chefes de família e mães solo, os perfis dessas mulheres

universitárias se assemelham muito e tem muito em comum, são oriundas de camadas e classes populares e sendo a maioria de famílias camponesas e de povos originários, com uma trajetória de vida marcada por muitos desafios desde a sua infância.

Uma estudante indígena nos fala em entrevista que: “Eu estudei na Aldeia São José, sim tive dificuldades por falta de tempo e cuidando dos filhos. O meu processo foi muito difícil e não imaginava que ia passar no seletivo da educação do campo” (BADÚ Apinagé, 2023).

A passagem pela educação básica até chegar no ensino superior não foi fácil para essas mulheres foi marcada por caminhos inseguros, barreiras, desafios e falta de apoio. São a maioria com condições socioeconômicas vulneráveis desde a infância e que sempre frequentaram escolas públicas.

Em entrevista a estudante Margarida nos conta que:

Estudei a minha educação básica eu comecei no Aldenora aí depois eu fui para o Maranhão no segundo ano que é a segunda série e concluí lá o ensino fundamental um, e o fundamental dois foi no Estreito Maranhão. No estreito Maranhão estudei da quinta ao primeiro ano, aí no primeiro ano eu desisti, voltei para o sertão e concluí o ensino médio, aliás fiz outra tentativa de concluir o ensino médio no Estreito na faculdade de magistério aí não consegui. Aí andei muito e cheguei em Tocantinópolis, concluí o meu ensino médio aqui no José Carneiro de Brito. [...]. E depois quando eu decidi fazer o magistério aí eu desisti porque eu me envolvi num relacionamento, engravidei e meu pai não me aceitava em casa então eu vim morar no Estreito, porém em vez de melhorar para mim que eu já estava bem pertinho da faculdade é que piorou porque o companheiro não permitiu eu estudar mais, alegando que eu estava grávida e que era gravidez de risco aquela coisa toda, aí eu aquietei. (MARGARIDA, 2023).

Durante a passagem pela educação básica muitas das estudantes relataram ter dificuldades para estudar e concluir a educação básica, pois moravam em suas áreas rurais afastadas da escola e que muitas vezes tiveram que se mudar para cidade para então concluir a educação básica, uma relatou que:

Eu estudei a educação básica em várias escolas pelo fato de morar na zona rural na época, mas a gente se deslocava de ônibus da prefeitura para ir para a escola, e terminei mesmo o ensino básico em Palmas, numa escola chamada Jorge Amado, e sim tive muita dificuldade para terminar pelo fato de morar na zona rural na época e ter que se deslocar e ter pai e mãe analfabetos e tal então foi muito difícil. (FLOR, 2023).

Tive dificuldades sim porque os meus filhos eram pequenos na época e então eu tinha que deixar eles em casa à noite, só eles com a minha filha de dez anos, eles tinham quatro e cinco anos, a noite então foi muito complicado, mas eu consegui graças a Deus finalizar o ensino médio. (MARGARIDA, 2023).

Diante disto o que se observou a partir desses relatos foi que a maioria teve limitações quanto ao acesso integral aos estudos de forma regular e pela falta de ajuda por parte dos pais que muitas vezes por serem analfabetos não conseguiam acompanhar as atividades escolares dos filhos.

Outra relatou também que passou por dificuldades durante seu processo educativo na educação básica, que quando criança passou boa parte morando com seus pais em fazenda onde trabalhavam, e era difícil, as vezes, frequentar as aulas por conta da distância, e quando muito jovem se envolveu em um relacionamento e logo teve filhos o que em sua fala relatou que dificultou ainda mais em razão de ter que estudar a noite e seu companheiro não querer deixar ela concluir seu ensino básico contou em entrevista que:

Eu sempre estudei em escola pública, tive muitas dificuldades durante o meu processo que passei pela educação, pois logo eu engravidei e aí tive que parar os estudos, mas depois eu voltei. Minha outra dificuldade foi o meu esposo que não queria permitir que eu estudasse e era a noite, mas enfim, eu estudei com muita luta concluir o ensino médio. (ROSA, 2023).

Uma das entrevistadas contou que não foi fácil sua trajetória pela educação básica pois tinha dificuldade de socialização e falou da discriminação sofrida na época por uma professora que era rígida e a ignorava, não lhe dava atenção igualmente dava aos outros colegas, ela nos conta que:

Tive muitas dificuldades, principalmente por ter professora rígida e um ensino discriminado onde aprendia por conta própria algumas coisas no qual a professora não chegava perto de mim para ensinar, somente nas carteiras dos demais colegas. (Entrevistada, Yasmim, 2023).

Ao ouvir a história dessas mulheres observamos que se trata de estudantes que desde muito cedo já sofrem com discriminação em relação a cor da pele, condições financeiras muito baixas, opressão por parte de companheiro, a falta de apoio familiar e o lugar de origem. E neste sentido as deixa em situação de desvantagens devido à falta de qualidade do ensino. São mulheres que já conhecem uma dura realidade que é de conciliar os estudos e tentar se manter no mesmo. É perceptível que a trajetória de vida dessas mulheres até chegarem ao ensino superior não foi muito fácil, considerando também a educação no meio rural em que elas viveram e vivem.

4. FATORES QUE DIFICULTAM A FORMAÇÃO ACADÊMICA E PERMANÊNCIA DAS ESTUDANTES NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, ARTES

A educação é um instrumento muito importante para o crescimento, intelectual, pessoal e social na vida de um indivíduo e ajuda no crescimento de sua comunidade. Daí a importância do acesso ao ensino superior que para muitas dessas mulheres é um caminho repleto de oportunidades. É através do ensino superior que elas enxergam um crescimento de realização pessoal buscando melhores condições de vida e enriquecem suas vidas com pensamento crítico e inovador.

Algumas mulheres, ex-alunas que já passaram pelo curso de educação do campo e conseguiram concluir o curso exercem papéis fundamentais contribuindo para o fortalecimento e evolução dentro de suas comunidades, colaborando ativamente numa educação no contexto em que estão inseridas e servindo de exemplo e inspiração para outras mulheres levando novas perspectivas e que também passaram por diversas barreiras para chegar ao campo educacional e profissional.

Enquanto estudante e no decorrer do curso e de acordo com as falas das entrevistadas observou-se algumas dificuldades persistentes que essas mulheres tiveram de enfrentar enquanto educandas que dificultou a permanência delas no curso tais como: a falta de apoio por parte dos companheiros e familiares, não ter com quem deixar os filhos, barreiras financeiras e por conta de o curso ser integral não podiam trabalhar, dificuldade de conciliar estudos com responsabilidades domésticas, desigualdade de gênero, burocracia na documentação para o recebimento de bolsas e o cuidado com os filhos.

Uma das estudantes destaca que:

Bom primeiro que dificultou minha permanência no curso foi a questão do meu marido né, que ele não aceitava que eu estudava por conta de ser o dia todo, quase não parava em casa era o dia todinho na faculdade, só ficava em casa à noite e as vezes tinha que sair para casa de alguma colega fazer trabalho. Segundo comecei a ter dificuldade com quem ficaria com meus filhos, eles estudavam só pela manhã e à tarde já não tinha com quem ficasse com eles. Terceiro motivo era questão de saúde, depois que eu engravidei eu adoeci, aí depois de lá para cá decidi dá uma pausa eu não estava dando conta de conciliar família, estudo e saúde, aí não deu (Entrevistada, Rosa do Deserto, 2023).

Diante deste relato podemos observar que as dificuldades vividas por esta estudante são várias, tem o esposo que a impedia, o curso em si por ser integral, não ter um apoio onde deixar os filhos que ela não possui, e o fator de no momento ter

engravado e logo ter adoecido, juntando todos esses fatores a estudante não estava dando conta de conciliar a vida acadêmica com as obrigações como dona de casa, esposa e no cuidado com os filhos.

A universidade como uma instituição de ensino precisa atentar-se para uma abordagem de acolhimento dessas mulheres mães nesses contextos em que elas se encontram. O Programa de Apoio a Parentalidade (PAPU) da UFNT de Tocantinópolis, é um espaço de acolhimento que funciona como uma rede de apoio para o cuidado com as crianças dessas mães por qualquer membro familiar que exerça a Parentalidade para ajudar essas mães vulneráveis a permanecer nos estudos e nesses espaços educativos.

. A ciranda é um espaço que funciona com educandos da própria instituição para o cuidado e no desenvolvimento de brincadeiras com os filhos das mães educandas enquanto elas estão desenvolvendo atividades educativas em sala de aula. A ciranda dentro da universidade se inspira nas cirandas do Movimento dos Sem Terra.

Tanto o PAPU como a ciranda foram criados para que as mães possam participar das atividades acadêmicas em sala de aula e as vezes fora dela, mesmo com esses espaços de apoio muitas mulheres ainda tem dificuldades de permanência, pois não chega a alcançar a todas que precisam e sem esses espaços de acolhimento a chance de permanência dessas mulheres universitárias e mães é menor.

A estudante Flor aqui chamada conta o seguinte:

A minha maior dificuldade, assim durante o curso acho que foi essa questão de conseguir levar a vida materna, mãe solteira e ter que me esforçar mais um pouquinho para conseguir estudar também, o fato de que o curso era integral, de que as crianças eram pequenas ainda na época, enfim, e acredito que de fato assim mais só isso. A minha maior dificuldade para conciliar era o fato de que o curso era integral né era o dia todo e aí tinha a questão de levar filho na escola, buscar filho na escola, fazer almoço né, minha maior dificuldade era essa (Entrevistada, Flor, 2023).

Um fator gritante na fala desta estudante que se percebe é o fator de ser mãe solo, onde ela sozinha tem que arcar com os cuidados com os filhos, manter a casa e ainda estudar em um curso de tempo integral. O que a sobrecarregava e não conseguia conciliar essa rotina de aulas e responsabilidades domésticas em geral. É muito difícil para quase todas essas mulheres estudar em tempo integral e conciliar atividades extras do dia a dia. Pois a mulher que estuda é a mesma que trabalha, cuida da casa e dos filhos, ela desempenha suas funções femininas, mesmo que ela

consiga ocupar o espaço fora de casa, como acadêmica, ela fica com acúmulo de funções e isso a sobrecarrega fisicamente e psicologicamente.

Jasmim conta que:

A minha trajetória durante o curso foi difícil por questão de ter um filho pequeno na época e ter minha mãe doente, e então eu tinha que levar meu filho pequeno de um ano de idade para a universidade, embora alguns me apoiassem mesmo assim ainda era muito difícil, pois as vezes não conseguia me concentrar, eu não tive assim muita ajuda nessa parte então era complicado para mim e também porque o curso era integral e com criança pequena era muito difícil para mim. Outra dificuldade que passei foi por ter que levar a criança e ter que ouvir críticas de pessoas falando que eu devia desistir, isso também foi algo que me dificultou, as críticas me atrapalharam muito, não soube lidar com elas na época, sem falar que não estava dando conta de conciliar a faculdade com as atividades propostas e nos afazeres de casa e ainda com uma criança pequena que me tomava maior parte do tempo (Entrevistada, Jasmim, 2023).

Através deste relato observa-se que além do fator de ser mãe essa estudante teve que enfrentar duras críticas que talvez viesse até mesmo de próprios colegas de curso e de pessoas próximas a ela, que talvez não conheça a dura realidade que uma mulher enfrenta para tentar cursar e concluir um curso apesar dos vários desafios e barreiras pela frente. Em pensar que ela não tinha muito com quem contar na hora de precisar de um apoio e até mesmo psicológico.

Na fala de Violeta ela salienta o seguinte:

O meu processo para chegar na faculdade foi conturbado, estudar para que? Está doida? Perda de tempo. Difícil mais estou firme e forte para conseguir concluir. Minha trajetória no curso bem complicada, no início sem apoio de pessoas próximas, frases desmotivadoras, ouvia todos os dias, custos que pensei muitas vezes em desistir. Falta de apoio financeiro no início do curso, a burocracia na documentação para conseguir bolsa etc. (Entrevistada, Violeta, 2023).

Apesar de ter que lidar com todas as críticas e palavras desmotivadoras por parte de pessoas próximas, ainda assim algumas estudantes ainda tentam sobreviver no curso mesmo com pensamentos de desistência, mas que ainda se vê disposta a enfrentar essas barreiras para conseguir concluir o curso. Outro fator que se observa diante deste relato é que a burocracia para conseguir uma bolsa de estudo para ajudar a se manter no curso, as vezes por ser difícil se torna muito cansativo na busca de tanta papelada.

Margarida nos conta sobre seu processo de escolarização que:

O processo na educação, na universidade, foi muito assim complicado no início para mim porque eu casada com os filhos e aí então com mais um filho do meu marido, quatro crianças e tinha minha filha também estudando ainda no ensino médio. Aí o povo começou a falar que mulher que estudava na faculdade era para botar chifre no marido, para trair o marido e meu marido foi é cair nessa conversa e foi ficando contra eu estudar e a minha família foi o principal, assim que deram mais força para ele a fazer eu desistir do curso. Porém tive apoio também da parte do próprio marido, o irmão dele, a minha cunhada que começaram a conversar com ele e conseguiram inverter a situação que eu já estava preste a desistir, quando ele chegou em mim e falou que eu não precisava mais me preocupar que ele não ia se impor mais e que ele ia me ajudar daquele dia em diante, ele ia me ajudar a conseguir o meu objetivo que era a conclusão do curso (Entrevistada, Margarida, 2023).

Diante deste relato podemos observar que se trata de uma trajetória cheia de obstáculos que além de ter que lidar com a insegurança do companheiro em relação ao estudo na faculdade, essa estudante tem que lidar com o fator de críticas e palavras desmotivadoras de familiares que muitas vezes a desestimula de estudar, pois onde ela poderia encontrar apoio foi onde ela mais recebeu palavras que a fez pensar em desistir.

Fala de uma estudante indígena enquanto cursava:

O meu caso foi muito difícil e não imaginava que ia passar nas provas da educação do campo. Perdi foi recentemente o meu esposo em 2019 aí tive que deixar os meus filhos com minha tia ou mãe. As dificuldades foi que tinha que deixar os meus filhos na aldeia e enfrentar o futuro deles em cidade. Minha maior dificuldade foi que quando era o final de semana a última aula da semana eu ia na aldeia cuidar dos filhos, cuidar da casa, as tarefas deles da escola, da saúde deles, que assim que eu saia para a aula um já ficava doente, porque eu era mãe e pai ao mesmo tempo e a minha mãe quase não cuidava (Entrevistada, Lírio Apinagé, 2023).

As mulheres originárias ocupam também um espaço significativo dentro do curso de educação do campo, a presença de mulheres indígenas é cada vez mais frequente no ensino superior e se destacam nas licenciaturas interculturais em áreas que conversam diretamente com as culturas indígenas.

Observa-se que muitas estudantes indígenas escolheram o curso como um espaço de afirmação e aliado em suas lutas e conquistas para sua autonomia. Mesmo assim, para essas estudantes também surgiram muitas barreiras em relação a permanência no curso como a distância por morar na aldeia e ter que ficar um tempo longe dos filhos pequenos, não receber auxílio (nem todos os indígenas recebem o auxílio permanência do governo federal) e não ter apoio familiar ou outro. O fator de ser mãe muito jovem conforme sua cultura, e ingressar no ensino superior, ter que

estudar e cuidar dos filhos não é tarefa fácil para essas mulheres, só o fato de ter que deixar seus filhos aos cuidados de outros gera sofrimento e aflição mesmo sendo parentes próximos.

Aqui se nota que essas mulheres têm uma determinação para estudar em um curso superior e querer concluí-lo as coloca muitas vezes em caminhos cheios de obstáculos pelos quais muitos delas elas relataram aqui, mas que são resistentes na busca pelos seus objetivos em ter um curso superior para melhores condições de vida e não se sujeitar a opressão e submissão de outras pessoas. De acordo com Duarte (2010, p.78) “apenas a educação era capaz de tirar o gênero feminino da submissão a que estava relegado, e de dar às mulheres as condições necessárias para serem donas de seus destinos”.

Por isso é tão importante essas mulheres estarem ocupando os espaços acadêmicos dentro do ensino superior e investindo em conhecimento, para que assim elas possam se libertar de qualquer forma de opressão e submissão.

4.1. EVASÃO E PERMANÊNCIA DAS ESTUDANTES ACADÊMICAS DO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO EM ARTES DA UFNT, TOCANTINÓPOLIS (TO)

O MEC lançou o edital SESU/SETEC/SECADI nº 02/2012, cujo objetivo era ampliar a oferta de vagas dos cursos já existentes e selecionar mais 32 IES para novos cursos, voltados para a formação dos professores do campo. A UFT apresentou o projeto na área de códigos e linguagens: artes visuais e Música.

O curso de educação do campo, teve início em 2014.1 na sua primeira turma. Com uma entrada prevista de 120 vagas, conforme edital do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO) de 2012. Almeida (2016) destaca que o edital visava na sua especificidade: “Apoiar a implementação de cursos regulares nas instituições pública de ensino superior, especificamente para formação de educadores para a docencia em escolas rurais nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio” (Almeida, 2016, p. 44).

Na perspectiva de Almeida (2016, p. 47),

O curso tem caráter regular e apoiar-se em duas dimensões de alternância formativa integradas: o tempo Universidade e o Tempo Comunidade. A organização curricular do curso prevê etapas presenciais (equivalentes a semestres de cursos regulares) em regime de alternância entre tempo-espço universidade e tempo-espço comunidade, tendo em vista a articulação intrínseca

entre educação e a realidade específica das populações do campo. Outra preocupação é facilitar o acesso e permanência dos professores em exercício no curso, na intenção de se evitar que o ingresso de jovens e adultos na educação superior reforce a alternância de que eles deixem de viver no campo.

Dito isto sobre a criação do curso e seu respectivo objetivo, apresentamos o quadro com a quantidade de alunas a entrar no curso desde 2014 até 2023. Percebemos que há um número considerável de entrada de mulheres no curso, mas, também de desistências. Observamos que o ano de 2015 o número de desistentes foi elevado. Outro fator importante é o número de formandas, que também diminuiu por estar relacionada a desistências. Conforme o item 4.1, no qual traz as entrevistas das acadêmicas há explicações sobre os motivos que levam as mulheres a desistirem. No quadro abaixo apresentamos os números para concretizar em forma de quantidades essas desistências.

Quadro 01: Número de ingressante no curso de educação do campo, artes de Tocantinópolis -TO

EDUCAÇÃO DO CAMPO				
ANO	INGRESSANTES FEMININO	DESISTENTES FEMININO	FORMADOS FEMININO	VINCULADOS FEMININO
2014.1	64	27	37	-
2015.1	73	43	29	1
2016.1	48	26	15	7
2017.1	25	10	9	6
2018.1	40	28	7	5
2019.1	26	10	3	13
2020.1	24	17	-	7
2021.2	14	5	-	9
2022.2	22	4	-	18
2023.2	17	-	-	17

Fonte: Secretaria acadêmica, Centro de Humanidades, Educação e Saúde, UFNT, Tocantinópolis, 2024.

Outro fator, relevante é a diminuição do número de entradas de mulheres no curso de educação do campo. Como foi dito nas entrevistas, o curso por ser integral dificulta a permanência das acadêmicas. Isso ocorre, especialmente por não ter onde deixar os filhos. Outra questão significativa dito pelas mulheres foi a dificuldade de acessar o sistema de bolsas. A burocracia afasta quem precisa dos programas.

Atualmente temos um total de 90 mulheres e 68 homens, sendo um total de 158 discentes matriculados no curso.

Uma das barreiras mais enfrentadas pelas mulheres é conciliar a maternidade com vida acadêmica e os afazeres domésticos, principalmente quando estes afazeres e cuidados ficam sob responsabilidade, exclusivamente das mulheres o que requer e se faz necessário que as instituições de ensino adotem políticas públicas voltadas para essas estudantes, políticas essas que sejam de apoio voltadas para a maternidade desenvolvendo monitorias que conectam essas mulheres estudantes a profissionais especializados e experientes para fornecer suporte emocional dando orientação e inspiração para continuar nos estudos levando de alguma forma alívio em meio a tanto estresse que elas enfrentam.

Devido a tantos obstáculos e uma variedade de sentimentos que atualmente rodeiam essas estudantes mães e que são vivenciados, observa-se que eles têm grande impacto negativo na vida dessas mulheres, pois interferem de uma maneira significativa no desempenho e desenvolvimento acadêmico dessas mães. Até porque socialmente falando a mulher passou a ser a mais responsável por cuidar de seus filhos, zelando pela qualidade de vida deles, e isso ocasiona uma pressão sobre elas muito grande. E com isso, acarreta desmotivação para os estudos, com uma rotina agitada geram estresse o que interfere na sua relação de mãe/filho, vida conjugal e família.

Outra causa que levam muitas estudantes a desistirem do curso são as barreiras financeiras, uma vez que a falta de recurso financeiro é um obstáculo a ser enfrentado, pois é necessário um apoio financeiro adequado. Muitas estudantes as vezes não conseguem ter acesso aos auxílios e bolsas por conta da burocracia que elas enfrentam para conseguir a documentação necessária que se pede. Em relato essa estudante nos conta: “A falta de apoio financeiro no início do curso, a burocracia na documentação para conseguir bolsa e dificulta a permanência etc.” (Entrevistada, Violeta, 2023).

E como muitas dessas estudantes só contam com elas mesmas, muitas optam por desistir do curso para poder trabalhar e sustentar a família. Uma das entrevistadas conta que: “Na época eu não cheguei a receber nenhum auxílio e isso foi um dos motivos que me fez desistir, pois tive que trabalhar para ajudar em casa” (Yasmim, 2023). Ainda se faz necessário em relação a isso, criar espaços de diálogo e discussão para garantir a permanência de mulheres no curso de educação do campo,

espaços esses em que elas tenham a oportunidade de serem ouvidas em seus anseios e inquietações, isso de alguma forma pode ajudar a diminuir a evasão dessas mulheres do curso.

A estudante Margarida nos conta que:

Sim, eu recebi auxílio sim, foi fundamental, foi primordial pra minha chegada lá no curso, porque como a gente fica impossibilitada de trabalhar e nos momentinhos de folga, assim quando não tinha aula eu não podia trabalhar porque eu ia fazer os trabalhos da universidade, tinha datas pra entregar esses trabalhos, então eu sempre me dedicava a entregar os trabalhos dentro das datas né, até porque eu ficava muito estressada só pensando no trabalho pra entregar, então eu resolvia fazer logo é me ajudou bastante. O de alimentação que é de quatro vezes no ano que eu acho pouco, porque a gente come o ano todo, não é só uma vez no mês (Entrevistada, Margarida, 2023).

Vemos que a bolsa/auxílio financeiro oferecido pela instituição supre de alguma forma algumas necessidades para algumas dessas estudantes o que não é o caso de todas, o que se observa muitas vezes é a ineficácia das políticas públicas que não chega a alcançar todas as educandas, e nem a esfera que se espera na luta da permanência dessas estudantes.

O ingresso e a permanência dessas estudantes no curso de educação do campo devido a muitas vulnerabilidades socioeconômicas nessa esfera é que se espera que seja suprida todas através da assistência estudantil.

O acesso ao ensino superior deve vir acompanhado de medidas efetivas que garantem a permanência dos estudantes nas universidades. Isso requer investimento considerável em assistência estudantil e depende do fortalecimento da educação pública em todos os níveis, fundamental, médio e superior. Assim como de reformas sociais profundas que conduzam uma melhor distribuição de renda, rompendo com a aviltante desigualdade e a crônica injustiça social existentes no Brasil (PAULA, 2009, p. 19).

Neste sentido tão importante quanto garantir o acesso ao ensino superior é imprescindível investimentos que garanta a permanência dessas estudantes no meio acadêmico dentro da instituição.

A conciliação entre a vida acadêmica, familiar e o trabalho é para essas mulheres um fator exaustivo quando não se tem um apoio familiar e financeiro, elas tem que durante o seu processo pela educação superior fazer um equilíbrio quase que impossível para se manter no curso, mas elas sozinhas diante de alguns relatos vemos que é uma tarefa difícil, elas precisam de ajuda também da instituição de ensino, um apoio na flexibilização de horários em se tratando do curso de educação do campo por esse ser integral, principalmente para aquelas que tem filhos pequenos

e requer cuidado infantil e não conseguem colocar as crianças em uma creche enquanto estudam.

As soluções para romper com essas barreiras e ainda promover a formação profissional dessas estudantes ainda é na promoção de políticas públicas educacionais necessárias, voltadas para a permanência dessas estudantes no curso de educação do campo para diminuir a evasão desse grupo de mulheres durante o processo educacional superior.

CONSIDERAÇÕES

O objetivo desta pesquisa foi de compreender, verificar e analisar os agentes em relação aos desafios que as discentes se depararam durante a sua formação educacional superior no curso de Licenciatura em Educação do Campo, trazendo um mapeamento de suas trajetórias da vida pessoal como mãe, esposa e dona de casa durante o processo de vida acadêmica enquanto estudantes do curso, verificando os fatores que dificultaram a permanência, formação acadêmica e na evasão de muitas mulheres do curso de Educação do Campo. Fazendo uma análise dessas trajetórias e condições de vida dessas mulheres levando em consideração os esforços que muitas tiveram que fazer para concluir o ensino superior. Destacando que mesmo alcançado o objetivo da pesquisa não consideramos o final da mesma, mas sim como uma contribuição em relação acerca da temática para mais discursões no futuro e outras produções de pesquisa no meio acadêmico, pois mais vezes muitas mulheres mães continuarão adentrando nas instituições superiores de ensino e esses espaços precisam se tornar acolhedores e que elas se identifiquem.

Identificamos que as mulheres mães desta pesquisa inseridas na universidade no curso de educação do campo de Tocantinópolis são de perfis e características diversas, mas que tem muito em comum no que diz respeito a trajetória universitária, de vida e no processo histórico educacional. Percebemos que a trajetória acadêmica dessas estudantes ocorre em meio a várias adversidades são situações que se iniciam desde o acesso e que tendem a ser mais forte na permanência o que acarreta muitas vezes em um processo de evasão.

Devido a esses fatores muitas estudantes tem dificuldades de poder da continuidade nos estudos, pois mesmo tendo o acesso à universidade, muitas ainda enfrentam um árduo caminho para garantir sua permanência no curso, ocasionando assim muitas evasões dessas estudantes do curso. Entretanto são poucas que conseguem chegar

até o final, que na verdade é apenas um começo para muitas outras oportunidades nesse caminhar pela educação.

Considerando os fatores apontados pelas mulheres entrevistadas durante os momentos vividos e presenciados envolvendo o de ser mãe, dona de casa e esposas enquanto estudantes é indispensável refletir nas situações e na realidade dessas mulheres inseridas nesse processo acadêmico. Os impactos encontrados na trajetória dessas mulheres acadêmicas durante a formação profissional percebemos que ao longo desse processo gerou para elas momentos de angústia, estresse, desmotivação e até mesmo de insatisfação em relação ao tão sonhado curso superior, neste sentido, destacamos a importância de uma rede de apoio para essas mulheres que pode ser caracterizado como a assistência estudantil, família, parentela, ajuda profissional no gerenciamento das emoções e de organização nas atividades e também no aperfeiçoamento das políticas públicas voltadas a esse público entre outros, para assim sanar ou diminuir um pouco dessas angústias e fatores.

Como resultado desta pesquisa a universidade mesmo com a assistência estudantil ainda não conseguiu desenvolver um estudo sobre o processo de permanência e evasão de estudantes mães, donas de casa e esposas do curso de educação do campo, dessa forma, atualmente ainda se vê a necessidade de buscar uma forma de combater esses obstáculos que combinados com maternidade, afazeres do lar entre outros se torna uma jornada para essas mulheres ainda mais complexa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rejane Cleide Medeiros de. **Movimentos sociais do campo e práxis políticos: trajetória de luta por uma educação do campo no Tocantins**. In: SILVA et al. Educação do campo, Artes e formação docente. Palmas: Eduft, 2016,

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

AMORIM, Teresa Cristina Sousa. **A formação acadêmica das mães universitárias do campus Clóvis Moura: Um olhar para a qualidade**. Campina Grande, Editora REALIZE, 2012. Disponível em:

<http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ae0eb3eed39d2bcef4622b2499a05fe6.pdf>.

BITTENCOURT, S. M. **Candidatas à ciência: A compreensão da maternidade na fase do doutorado**, Florianópolis, SC, 2011. 344P.: Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política.

CALDART, Roseli Salete Educação do campo. 2012. In. CALDART, Roseli Salete; PERREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo, Rio de Janeiro. São Paulo.: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venício. Expressão Popular, 2012.

CHAUÍ, M. S. **A universidade pública sob nova perspectiva**. Ver; Bras. Educ. 2003.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em: <http://www.dominíopublico.gov.br/download/texto/me4711.pdf>. Acesso em: 12 dez.2023.

KOLLING, Edgar. J; NERRY, I.; MOLINA, Mônica Castagna. Por uma educação básica do campo (Memória)., 1999.

KOLLING, Edgar. J. CERIOLI, Paulo Ricardo.; CARLDART, Roseli Salete (Orgs.). Educação do campo: identidade e políticas públicas. Brasília: Articulação Nacional por uma educação do campo, 2002.

MENEZES, Rafael de Souza. et al. **Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos**. Cnstr. Psicopedag., São Paulo, V. 20, n. 21, p.23-43, 2012. Disponível em: <http://pepsic.brsalud.org/scielo.php?script=sci-arttexEpid=s145-9542012000200003E1ng=ptEnrm=iso>.

MOLINA, M. C.; SÁ, L. A licenciatura em educação do campo na Universidade de Brasília: estratégias políticas pedagógicas na formação de educadores do campo. In: MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. **Licenciatura em educação do campo: registros e reflexões a partir das experiências-piloto (UFMG; UnB; e UFS)**. P.35-620). Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

PAULA, M. F. As políticas de democratização: do acesso ao ensino superior do governo Lula. Revista Aduir, nº 23, 2009.

SANTOS. Pricila kohls dos. **Permanência na educação superior: desafios e perspectivas**. –Brasília: Cátedra UNESCO de juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2020. 238 p. 24cm.

TERENA, Marcos. O estudante indígena no ensino superior. In. BERGAMASCHI, Maria Aparecida; NABARRO, Edilson; BENITES, Andréa. **Estudantes Indígenas no Ensino Superior**: uma abordagem a partir da experiência na UFRGS. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2013, p. 9-13.

SILVA, Cícero da. **Pedagogia da alternância**: práticas de letramentos em uma Escola Família Agrícola brasileira. 2018. 232f. Tese (Doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura). Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018.